

Lembrem-se ainda as autobiografias dirigidas por Gilberto Freyre para composição do admirável painel do 1900 brasileiro que é *Ordem e Progresso*, obra publicada em 1959, mas preparada com antecedência indispensável à distribuição, sistematização e interpretação dos questionários distribuídos entre sobreviventes da época de transição do Império para a República.

Outro ponto que exige reparo é o relativo ao projeto Unesco/Anhembi, do qual resultaria a obra *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*, organizada por Roger Bastide e Florestan Fernandes (São Paulo, Anhembi, 1955). O próprio subtítulo desta obra mostra que ela não aponta — como escrevem as autoras na primeira coluna da página 7 — “as origens, manifestações e efeitos do preconceito de cor no Brasil” e sim *no município de São Paulo*.

Ressaltando, com pertinência, a relevância da autobiografia na América Latina, as autoras mencionam alguns exemplos realmente notáveis — como os dos brasileiros Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Nava e o da argentina Victoria Ocampo — mas esquecem de esclarecer que o atual surto memorialístico entre nós foi desencadeado pelo sergipano Gilberto Amado, com *História da minha infância* (1954), a que se seguiram *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960). Outro nordestino parece ter sido não apenas pioneiro do gênero, mas também introdutor da palavra *autobiografia* no português do Brasil. Refiro-me ao piauiense Anfrísio Fialho (\*1841) e à sua obra *Um terço de século: recordações (auto-biographia)* (Rio de Janeiro, edição do autor, 1885). E cinco anos depois publicava-se *Minha formação*, do pernambucano Joaquim Nabuco: obra notável tanto pela beleza literária como pela contribuição ao conhecimento da época nela reconstituída.

Não falo por vaidade regional e sim pela experiência de quem há muitos anos estuda o assunto, tendo já publicado nota prévia intitulada “A autobiografia no Brasil” (nos *Anais do III Encontro Inter-Regional de Cientistas Sociais do Brasil*. Recife, IJNPS, 1978, p. 126-130.

FREYRE, Gilberto. *Camões: vocação de antropólogo moderno?* São Paulo, Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984. 89 p. (não numeradas)

Após lembrar o confronto entre William Shakespeare, representante maior da cultura de língua inglesa, e Luís de Camões, expoente máximo do idioma português (p. 23), Gilberto Freyre nos assegura que *Os Lusíadas* são “a mais completa *autobiografia coletiva*” que conhece. A gente lusa, os portugueses têm no Poema Épico uma “suma” de seu conteúdo antropológico, tanto do ângulo físico quanto dos ângulos social e cultural.

De fato, poeta, povo e país se unem e se transformam num livro. Livro que trata dos Lusíadas, herói coletivo da epopéia; poema onde se canta o peito ilustre lusitano, seus pátrios feitos valerosos e a grão genealogia da gente, desde Luso, desde o príncipe Afonso, até Camões, aquele que escreve e fala — mas eu, que falo, humilde, baixo e rudo! — aquele que não só compõe um poema a descrever Portugal, o Reino Antigo, mas também apresenta nele as terras do Novo Reino, os novos mundos de Ásia e de África, que foram mostrados ao mundo europeu, e, finalmente, registra, de passagem, a brasileira quarta parte nova. (Confira título do poema, I-3; III-2; III-30; X-154; III-5; II-45 e VII-14.)

Luís de Camões fornece dados autobiográficos à posteridade, sobretudo nos finais dos Cantos. Naqueles trechos, de intenso e tocante lirismo, sentimos as angústias do artista, seus amores e decepções, viagens e medos, revoltas e críticas, sua religiosidade, suas idéias: I, 4-5, 105-6; II-112 e 113; III-1 e 2, 21, 119, 123, 130, 142 e 143; IV, 84-93; 94-104; V-3, 17-23, 50-59, 70-72, 92-99; VI-23 e 24, 95-99; VII, 2-14, 78-87; VIII, 39-42, 54 e 55, 69-99; IX, 26-29, 75-82, 89-95; X-8, 9, 23-25, 45-49, 119, 128, 145-156.

Compara Gilberto Freyre a vida de Camões com a de Cervantes, pois ambos sofreram prisões e degredos, tiveram ambos contato direto com a "plebe ruda" e suas agruras (IX-32), amargaram, os dois, amores-desamores os mais socialmente e etnicamente díspares (p. 31).

Com vivacidade e presteza, o Autor nos mostra o Camões boêmio e donjuanesco, um Camões ao mesmo tempo libidinoso e católico, o dionisíaco e temperamental Trinca-Fortes, nas suas inquietações e arrebatamentos passionais.

E ao referir-se aos exóticos "amores exogâmicos" do poeta com mulheres de cor, Gilberto Freyre sugere que poderia ele ter sido um "procriador"; poderia Camões, que não só amou brancas Natércias, mas também a negra Bárbara e "uma moça china" (Diogo do Couto), ter tido "filhos mestiços", "tanto de mães indianas como africanas", a não ser que tenha herdado "deficiência congênita" ou adquirido alguma "doença" (p. 32).

Quanto, aliás, a sexualidade normal e patológica no poema, o leitor deste escrito, interessado no tema, poderá consultar as seguintes estâncias: II-21, 34-37 e 42; III-92, 119-143; V-52 e 53; VII-40 e 53; IX-56; X-47 e 122, e o célebre idílio erótico-romântico da Ilha dos Amores, em IX, 64-83.

Intelectual e soldado, Luís Vaz foi homem de ação e de leituras (p. 28): braço às armas feito, mente às musas dada (X-155) — mas, numa mão a pena e noutra a lança (V-96 numa mão sempre a espada e noutra a pena (VII-79) Camões optou pela *dilatação* de Portugal, desprezando a *fixação* europeia (p. 69), eloqüentemente pregada pelo venerando o sábio Velho do Restelo (IV, 94-104). Ajuntou assim Camões ao honesto Estudo "de gabinete", que lhe conferiu não apenas "saber", mas um "conjunto espantoso de saberes" (pp. 23 e 27), a longa Experiência no percorrer "tantas terras, por ver segredos delas" (V-23).

Mostra Gilberto Freyre que, nos Lusíadas, os elementos dramáticos e lírico estão amalgamados ao científico. E de tal modo que o livro é "mais-que-livro". É uma "obra literária sem deixar de ser mais-que-literária" (pp. 39 e 44).

Nela, pois, na obra maior de Camões, o Engenho & Arte do "grande estilista" nos presenteiam com uma "*epopéia antropológica*", expressão criada por

André Rousseaux, como, por exemplo, *Os Sertões*, de Euclides. Ou *Seven Pillars*, de Lawrence da Arábia. Mas a camoniana epopéia antropológica, acrescenta o Autor, tem aspectos líricos (p. 34).

Para Gilberto Freyre, Camões foi nominalista, do nominalismo de Roscelino e de frei Guilherme de Occam, que consideravam estar a gênese de todo conhecimento na experiência. Mais nominalista, à maneira dos franciscanos, do que aristotélicotomista. Seu amor à experiência o leva a "retificar até Aristóteles como Magister Dixit" (p. 38 e 46).

Então o Autor do trabalho, ou "tese", como acertadamente diz à página 66, classifica Camões de "uma espécie de para-antropólogo estético". Ou "proto-antropólogo". Acrescenta que "sua proto-antropologia, assistemática" embora, é "valiosa". Chama-se também de "pré-antropólogo". E mais de "pro ou para-sociólogo empático". Ainda de "pré-sociólogo", com incursões à "antropologia parafilosófica". Mais: o poeta foi "quase um ecólogo moderno". E "um observador político" (p. 43, 44, 46, 50, 52, 60, 72 e 73).

No que diz respeito ao Camões político-social, o pesquisador interessado poderá ir aos seguintes lugares dos *Lusíadas*: III-138; VII, 85-99; IX-27, 28 e 94; X-24, 58, 149-152.

Sim, Camões foi um tão atento observador político quanto da Natureza, consequência do seu "olhar genial", enaltecido até pelo biogeógrafo alemão Alexander von Humboldt na sua maior obra, "Cosmos, ensaio de uma descrição física do mundo". É extraordinário o poder camoniano de observar! Observar formas e cores, sabores e odores, falares, ritmos e sons:

Respondem-lhe da terra juntamente,  
com raio volteando, com zunido.

A grita se alevanta ao céu da gente,  
o mar se via em fogos acendido.

Luzem da fina púrpura as cabaias,  
lustram os panos da tecida seda.

Para julgar, difícil cousa fora,  
no céu vendo e na terra as mesmas cores,  
se dava às flores cor a bela Aurora,  
ou se lha dão a ela as belas flores!

Os dons que dá Pomona, ali natura  
produze, diferentes nos sabores.

Os cheiros excelentes produzidos  
na Pancaia odorífera queimava

Palavra alguma arábia se conhece  
entre a linguagem sua que falavam.

Soam os atambores e pandeiros,  
e assim entravam ledos e guerreiros.

(II-91 e 93; IX-61 e 58; II-12; V-76; II-73)

Observar diretamente, pessoalmente, segundo afirma na estrofe famosa do "vendo, tratando e pelejando" (X-154). O poeta mostra-se atento, sempre, a tudo, até a "pequenos nada significativos", como registra com exatidão pitoresca o Autor, à página 52. Muito útil, para o fim em vista, consultar os Lusíadas nas estâncias: II-84-93; IV, 84-94; V, 62-64; VII, 37-59, 73-77; IX-122 e 126, passim.

Observar — repetamos mais uma vez — e logo depois anotar, como "genial anotador" que foi, com "palavras exatas". Admirável, realmente, a propriedade dos termos que se constata nos textos lusíadicos.

O perspicaz conferencista realça a cinematográfica descrição dos nativos de Moçambique (I, 44-50), seus hábitos e seus barcos, particularmente os seus trajos: "De panos de algodão vinham vestidos. . ." Daí Gilberto Freyre afirmar que Camões foi precursor da "pesquisa de campo" em antropologia (p. 45). O poeta conscientemente, "sem nenhuma tola modéstia", diz possuir Estudo e Experiência e Engenho —

Nem me falta na vida honesto *estudo*,  
com longa *experiência* misturado,  
nem *engenho*, que *AQUI* vereis presente,  
coisas que juntas se acham raramente (X-154).

numa só pessoa, ou / e num único livro, pois autor e obra se interpenetram profundamente, indissolvelmente. São os tão comentados três *ee*, indispensáveis à elaboração de um poema épico, isto é, um poema histórico, humanístico, antropológico.

Luís Vaz de Camões torna-se, assim, "exemplo vivo, concreto, quase absoluto do saber de experiência feito" (p. 50); um homem que confiava no "domínio da natureza pela cultura humana". Logo, "o grande afã de Camões, como o do moderno antropólogo, enfatiza o Autor, é o de ser exato na caracterização tanto de gentes como de paisagens" (p. 55): figuras humanas, mulheres e castas, "cotidianos", costumes e usos, ritos, vestes e gestos, armas, transportes e alimentos, danças e músicas:

com: toucas na cabeça; e, navegando,  
anafis sonorosos vão tocando (I-47).

Gilberto Freyre frisa que "anafil" é sonora palavra árabe (p. 56). A anotação do escritor é importante. Na verdade, dezenas de expressivos arabismos poderemos coletar dos Lusíadas, tais como:

açoite, açucena, adarga, alarido, algodão, algoz, aljava, aljófar, almadia, alparcas, alvoroço, arraial, azagaia, cabaia, cânfora, carmezim, cetim, jaezes, gazela, jasmim, mameluco, marlota, mesquinho, sarraceno, sultão, tambor, xeque.

Paradoxalmente, é pobre o dicionário do poema! Ao contrário de Shakespeare, diz o conferencista à página 62, Camões não se preocupa com a *quantidade* dos vocábulos, mas com a *qualidade* dos mesmos e seus relacionamentos. É, de fato, grande surpresa constatar que, no ingente poema camoniano, há um número bastante reduzido de palavras em relação ao da obra do dramaturgo inglês: somente cerca de 5.000 palavras diferentes, enquanto o léxico shakesperiano vai aos 15.000 vocábulos!

Gilberto Freyre enaltece a "fulgurante arte camoniana de adjetivar". É um privilegiado "dominador de palavras, inclusive de superlativos" (p. 62). Dominador e domador excepcional de palavras, o nosso estimadíssimo poeta! Ele constrói "relacionamentos inesperados entre substantivos e adjetivos", e, dono de "criatividade genial", compõe "novas musicalidades". O conferencista lança, então, uma pergunta muito interessante e sutil:

— "Terá o Oriente ou o trópico marcado, para sempre, não só os olhos como os ouvidos de Camões, fazendo-o, como estilista, acrescentar aos sons latinos do português em que escreve, toques orientais e tropicais que lhe parecessem necessários à captação de intimidades não européias? Num esteta, como foi Camões, é possível que essa assimilação tenha ocorrido" (p. 65).

A proposta merece, sem dúvida, futuras investigações.

E o Autor toca outro ponto, igualmente sutil e interessante, de sociolinguística: os brasileiros, conservamos prosódias e ortoepias do século XVI: "no Brasil os sons camonianos teriam sido mais castiçamente seguidos por gerações sucessoras das de Camões" (p. 62 e 66).

A propósito do Brasil, Gilberto Freyre refere a "quarta parte", ou seja, o 4o. continente da Terra (os três primeiros são Europa, Ásia e África), "nova", isto é, recentemente, para Camões, descoberta — o Novo Mundo, a América, ou melhor, a Colônia onde os portugueses praticavam a agricultura:

na quarta parte nova os campos ara;  
e, se mais mundo houvera, lá chegara! (VII-14)

Colônia onde também exerciam o extrativismo da indígena ibirapitanga, leguminosa hoje Árvore Nacional, pelos botânicos chamada de "Caesalpinia achinata":

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
parte também com o pau vermelho nota.  
De Santa Cruz o nome lhe poreis (X-140).

Santa Cruz que veio a ser Brasil, nome que aparece na citação de Camões a Martim Afonso de Sousa, o 12o. governador da Índia, protocolizador de nossas terras, o qual aprisionara, perto do cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, três naus francesas carregadas de pau-brasil:

... um, que já será ilustrado  
no *Brasil*, com vencer e castigar  
o pirata francês, ao mar usado (X-63)

O conferencista lamenta Camões não ter conhecido o Ocidente: "Se tivesse chegado a ter contato" com o Brasil, diz ele, talvez encontrasse "pioneirismos merecedores de sua simpatia" (p. 72).

O professor Gilberto Freyre tece considerações em torno da "teoria do ser humano situado". Mostra os dois principais tipos de cultura: o ocidental, predominantemente lógico e racional, e o oriental, predominantemente mágico e místico. E formula as seguintes perguntas:

- "Não terá Camões se antecipado em *confrontar* esses tipos de homens situados?
- Não terá apresentado o não ocidental como merecedor de atenções ocidentalistas?
- E a ser exata esta sugestão, não representa atitude de quase antropólogo moderno?" (p. 77)

Estas indagações do mestre brasileiro da antropologia nos trouxeram à lembrança os grandes *encontros* nos *Lusíadas*, alguns positivamente espetaculares, entre ocidentais e orientais. Anotemos os mais importantes:

1) O régulo maometano de Melinde, na África oriental, recebe a frota de Vasco da Gama com discursos, fogos de artifício, festas e banquetes (II, 86-113; VI, 1-4);

2) Amistoso encontro entre João Martins, mensageiro português, e o mouro Monçaide, na Índia (VII, 23-41);

3) O capitão Vasco da Gama é recebido em Calecute pelo Catual, governador da cidade (VII, 44-46);

4) Primeira entrevista de Vasco com o Samorim, imperador do Malabar (VII, 57-66);

5) O Catual é recebido com comes-e-bebes por Paulo da Gama, irmão de Vasco, na nau capitânia (VII, 73-77 e VIII, 1-43);

6) Segunda entrevista Vasco x Samorim, em Calecute (VIII-60-76).

Gilberto Freyre comenta e analisa a obra do Conde de Ficalho, a "Flora dos Lusíadas", na qual se constata que Luís de Camões, no poema do comércio (expressão usada por Oliveira Martins e Edgard Quinet), assinala, "com rigor científico, a que junta o gosto pela palavra, pela imagem literariamente artística", pedras preciosas e plantas úteis, especiarias, medicamentos, perfumes e temperos:

E, se buscando vais mercadoria  
que produz o aurífero levante,  
canela, cravo, ardente especiaria,  
ou droga salutífera e prestante;  
ou se queres luzente pedraria,  
o rubi fino, o rívido diamante. . .  
Sabei que estais na Índia, onde. . .  
Leva pimenta ardente, que comprara. . .  
Olha também Bornéu, onde não faltam. . .

(II-4; VII-31; IX-14; X-133, *passim*)

Em outros lugares o poeta menciona vegetais, especialmente pelos seus "usos humanos", e dá a precisa localização geográfica de suas origens.

O autor louva o passo camoniano sobre o escorbuto, a "doença crua e feia" (V, 81-83), fragmento que é verdadeira jóia pelo poder de síntese e exatidão médica. Registre-se que, em Goa, capital da Índia portuguesa, Camões conviveu com o médico e naturalista Garcia de Orta (p. 83 e 84).

Luís Vaz de Camões regressa à pátria em condições precárias. Pobre. Mas "em Lisboa surge sua obra-prima, *Os Lusíadas*", 1572, em cujas estâncias e decassílabos percebem-se aspectos de "uma antropologia sócio-cultural já madrugadora, sob forma supremamente literária" (p. 89)

Encerra deste modo Gilberto Freyre o seu original ensaio camoniano, sugestivo, e provocador de mais pesquisas e elucubrações.

**Ruben Franca**

Universidade Católica de Pernambuco

ROSADO MAIA, Jerônimo Vingt-un, ed. *Coleção Mossoroense*. v. I — . Mossoró, Fundação Joaquim Guimarães Duque, 1948 — . (O último volume publicado é o CCXCIX, de 1983)

A palavra *coleção* — que no métier editorial é sinônima de *série* e de *biblioteca* — designa um conjunto de obras publicadas a intervalos irregulares, com autores e títulos específicos, mas de formato uniforme, título genérico e um ou vários editores responsáveis pela seleção. Em seu *Traité de Documentation*, Paul Otlet mostra que as coleções, neste sentido técnico, surgiram dos tratados, quando o progresso da ciência tornou impossível a abordagem de certas matérias por um só autor e dentro dos limites de um ou mais volumes. Assim — exemplifica Otlet — o *Nouveau Traité de Médecine et de Thérapeutique*, de Brouardel e Gilbert (1906), dizia no prefácio que deixava aos dicionários e aos tratados do passado a antiquada apresentação em grossos volumes, incômodos para a consulta e, mais ainda, para a leitura, optando por fascículos separados e inteiramente distintos, cada qual com título, paginação e comercialização independentes.

Coleções como, na França, a *Bibliothèque de la Pleiade*, ou, no Brasil, a *Documentos Brasileiros*, não deixam de ser grandes tratados. A *Brasiliانا* da Companhia Editora Nacional foi definida por Anísio Teixeira como a grande enciclopédia brasileira que ainda não possuíamos (hoje existem várias, embora nem todas sejam da mesma categoria da grande *Delta-Larousse* ou da *Mirador Internacional*).

Éstas considerações me foram sugeridas pelos mais recentes volumes da *Coleção Mossoroense*, que Vingt-un Rosado vem editando com uma competência e uma constância verdadeiramente exemplares. Em 1983 apareceram a *Bibliografia de interesse para o estudo da problemática da seca*, de Adélzira Batista de Araújo e Josetine Vasque; *Novo modelo organizacional para o Brasil: o regionalismo autêntico*, de Jerônimo Rosado Neto; *Geografia, sociedade e cultura*, de Manuel Correia de Andrade; *Permanência de Rodolpho von Ihering*, de Melquíades Pinto Paiva; *Tércio Rosado Maia, um pioneiro*, de Nilo Pereira; *Presença*